

O GUARDIÃO
· DE ·
MEMÓRIAS
∞





Kim Edwards
O GUARDIÃO
· D E ·
MEMÓRIAS



SEXTANTE
FICÇÃO

Título original: *The Memory Keeper's Daughter*

Copyright © 2005 por Kim Edwards

Copyright da tradução © 2007 por Editora Sextante Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TRADUÇÃO: Vera Ribeiro

PREPARO DE ORIGINALS: Jorge Sussekind

ASSISTENTE EDITORIAL: Alice Dias

REVISÃO: Luis Américo Costa e Sérgio Bellinello Soares

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Marcia Raed

CAPA: Victor Burton

PRÉ-IMPRESSÃO: ô de casa

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Geográfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E26g

Edwards, Kim, 1958-

O guardião de memórias / Kim Edwards; tradução de Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

Tradução de: *The memory keeper's daughter*
ISBN 978-85-99296-14-1

1. Ficção americana. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

07-1002

CDD: 813

CDU: 821.111.(73)-1

Todos os direitos reservados no Brasil por
Editora Sextante Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45/1.407 – Botafogo

22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2286-9944 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br

www.sextante.com.br

PARA ABIGAIL E NAOMI

AGRADECIMENTOS

E U GOSTARIA DE EXPRESSAR MINHA PROFUNDA GRATIDÃO AOS PASTORES DA Igreja Presbiteriana Hunter, por anos de sabedoria sobre questões visíveis e invisíveis; agradeço especialmente a Claire Vonk Brooks, que carregou a semente desta história e a confiou a mim.

Jean e Richard Covert compartilharam generosamente suas impressões e também leram um rascunho inicial deste manuscrito. Sou grata a eles, assim como a Meg Steinman, Caroline Baesler, Kallie Baesler, Nancy Covert, Becky Lesch e Malkanthi McCormick, por sua franqueza e orientação. Bruce Burris convidou-me a conduzir um seminário do Minds Wide Open;¹ meus agradecimentos a ele e aos participantes daquele dia, que escreveram do fundo do coração.

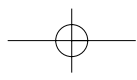
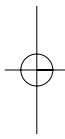
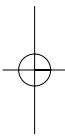
Sou muito grata à Fundação Mrs. Giles Whiting, por seu apoio e incentivo excepcionais. O Conselho de Artes de Kentucky e a Fundação de Kentucky para Mulheres também forneceram verbas de apoio para financiar este livro, e eu lhes agradeço.

Como sempre, ofereço minha imensa gratidão a minha agente, Geri Thoma, por ser tão sensata, calorosa, generosa e firme. Sou também muito grata a todo o pessoal da editora Viking, especialmente à minha revisora, Pamela Dorman, que contribuiu com grande inteligência e dedicação para a revisão deste livro e cujas perguntas sagazes me ajudaram a me aprofundar mais na narrativa. O toque editorial seguro e perspicaz de Beena Kamlani também foi inestimável, e Lucia Watson, com bom humor e precisão, manteve mil coisas em funcionamento.

¹ Criado em fevereiro de 1999, o programa Minds Wide Open [Mentes Abertas] foi desenvolvido pela organização Arc of the Bluegrass, Inc. (fundada em Lexington, no Kentucky, em 1954) para ajudar pessoas com deficiências cognitivas através do incentivo à sua criatividade nas artes plásticas, cênicas e literárias, promovendo sua maior integração social. (N. da T.)

Às escritoras Jane McCafferty, Mary Ann Taylor-Hall e Leatha Kendrik, que leram o manuscrito com olhos rigorosos e amorosos, obrigada de coração. Um agradecimento especial também para meus pais, John e Shirley Edwards. A James Alan McPherson, cujos ensinamentos ainda inspiram os meus, minha perene gratidão. E a Katherine Soulard Turner e seu pai, o falecido William G. Turner, pela amizade generosa, pelos papos literários e pelo conhecimento abalizado de Pittsburgh, obrigada com alegria.

Carinho e gratidão a toda a minha família, próxima e distante, especialmente a Tom.



1964



MARÇO DE 1964

I

A NEVE COMEÇOU A CAIR HORAS ANTES DE ELA ENTRAR EM TRABALHO DE parto. Primeiro alguns flocos, no céu cinzento e opaco do fim de tarde, depois volteios e redemoinhos impelidos pelo vento ao redor das quinas da ampla varanda frontal. Ele parou ao lado da mulher, à janela, observando as rajadas abruptas de neve sucederem-se em ondas, rodopiarem e caírem no chão. Em todo o bairro acenderam-se as luzes e os galhos nus das árvores embranqueceram.

Depois do jantar, ele acendeu a lareira, aventurando-se na nevasca para buscar lenha do monte que empilhara junto à garagem no outono anterior. O ar penetrante e frio bateu-lhe no rosto, e a neve na entrada da garagem já chegava a meia altura de seus joelhos. Ele juntou algumas toras, sacudindo a camada macia e branca que as cobria, e as levou para dentro. Os gravetos sobre a grelha pegaram fogo imediatamente e, por algum tempo, ele ficou sentado junto à lareira, pernas cruzadas, acrescentando toras e observando o saltitar das chamas, azuladas e hipnóticas. Lá fora a neve continuava a cair silenciosamente na escuridão, tão brilhante e densa como estática nos cones de luz formados pelos postes de iluminação. Quando se levantou e olhou pela janela, seu carro se transformara numa colina branca e fofa à beira da calçada. Suas pegadas na entrada da garagem já tinham desaparecido.

Ele sacudiu as cinzas das mãos e se sentou no sofá ao lado da mulher, que tinha os pés apoiados em almofadas, cruzando os tornozelos inchados, e um exemplar do livro do Dr. Spock equilibrado sobre a barriga. Absorta, ela lambia a ponta do dedo indicador, distraída, a cada vez que virava uma página. Tinha mãos delgadas, de dedos curtos e firmes, e mordiscava o lábio inferior, concentrada, enquanto lia. Ao

observá-la, ele sentiu uma onda de amor e deslumbramento: por ela ser sua esposa e pelo fato de seu bebê, esperado dali a apenas três semanas, estar prestes a nascer. Seria o primeiro filho. Fazia só um ano que estavam casados.

Ela ergueu os olhos, sorridente, quando o marido ajeitou o cobertor em volta de suas pernas.

– Sabe, andei pensando em como deve ser... – disse. – Quero dizer, antes de nascermos. É uma pena a gente não se lembrar.

Abriu o roupão e levantou o suéter que usava por baixo, revelando uma barriga redonda e dura como um melão. Passou a mão pela superfície lisa, enquanto a luz do fogo brincava em sua pele, lançando em seu cabelo um tom de ouro avermelhado.

– Você acha que é como estar dentro de uma grande lanterna? O livro diz que a luz atravessa minha pele, que o bebê já consegue enxergar.

– Não sei – disse ele.

A mulher riu.

– Por que não? – perguntou. – O médico é você.

– Sou apenas um cirurgião ortopedista – lembrou-lhe o marido. – Poderia explicar o padrão de ossificação dos ossos fetais, mas só isso.

Levantou o pé da mulher, delicado e inchado dentro da meia azul-clara, e começou a massageá-lo de leve: o tarso possante do calcanhar, os metatarsos e as falanges, escondidos sob a pele e sob a densa camada de músculos, como um leque prestes a se abrir. A respiração dela enchia a sala silenciosa, o pé aquecendo-se nas mãos do marido, e ele imaginou a simetria perfeita, secreta, dos ossos. Na gravidez, sua mulher lhe parecia linda, mas frágil, com as finas veias azuis transparecendo vagamente na pele alva e pálida.

Tinha sido uma gestação excelente, sem nenhuma restrição médica. Mesmo assim, já se iam vários meses sem que ele conseguisse fazer amor com a mulher. Em vez disso, descobria-se querendo protegê-la, carregá-la nas escadas, envolvê-la em cobertores, levar-lhe xícaras de creme de ovos. *Não estou inválida*, ela sempre protestava, rindo. *Não sou um filhote de passarinho que você tenha encontrado na grama*. Apesar disso, gostava das gentilezas do marido. Às vezes, ele acordava e a observava durante o sono: o tremor das pálpebras, o movimento lento e ritmado do peito, a mão estendida, tão miúda que ele conseguia envolvê-la completamente com a sua.

Ela era 11 anos mais moça. Fazia pouco mais de um ano que ele a vira pela primeira vez, subindo uma escada rolante de uma loja de departamentos no centro da cidade, num sábado cinzento de novembro em que saíra para comprar gravatas. Ele tinha 33 anos e era novo em Lexington, no Kentucky, e a moça havia emergido

da multidão como uma espécie de visão, com o cabelo louro penteado para trás e preso num coque elegante, pérolas reluzindo no pescoço e nas orelhas. Ela usava um mantô de lã verde-escuro e tinha a pele clara e pálida. Ele subiu a escada, abrindo caminho pela aglomeração e se esforçando para não perdê-la de vista. A moça foi para o quarto andar: lingerie e meias. Quando ele tentou segui-la por entre os corredores repletos de araras cheias de anáguas, sutiãs e calcinhas, todos com um brilho suave, uma vendedora de vestido azul-marinho com gola branca o deteve, sorrindo, perguntando em que poderia servi-lo. *Um roupão*, disse ele, vasculhando os corredores até avistar o cabelo da moça, um ombro verde-escuro e a cabeça inclinada, que revelava a curva elegante e pálida de sua nuca. *Um roupão para minha irmã que mora em Nova Orleans*. Ele não tinha irmã, é claro, nem qualquer parente vivo que conhecesse.

A vendedora desapareceu e voltou um instante depois, com três roupões de tecido felpudo e grosso. Ele escolheu às cegas, quase sem baixar os olhos, pegando o do topo da pilha. *Temos três tamanhos*, dizia a vendedora, *e haverá uma variedade maior de cores no mês que vem*. Mas ele já seguia pelo corredor, com um roupão cor de coral pendurado no braço e os sapatos rangendo no piso de lajotas, enquanto se deslocava com impaciência por entre os outros clientes, em direção ao local em que ela havia parado.

A moça estava examinando as pilhas de meias caras, cujas cores transparentes reluziam pelas aberturas brilhosas de celofane: castanho, azul-marinho, um marrom-escuro como sangue de porco. A manga de seu casaco verde tocou-o de leve e ele sentiu seu perfume, suave mas penetrante, como as pétalas densas e pálidas dos lilases fora da janela do quarto de estudante que ele um dia ocupara em Pittsburgh. As janelas de seu apartamento no porão estavam sempre sujas, cobertas pela fuligem e pelas cinzas da siderúrgica, mas na primavera havia lilases em flor, borrifos brancos e purpúreos no vidro, e o aroma invadia o aposento como a luz.

Ele pigarreou – mal conseguia respirar – e levantou o roupão felpudo, mas a vendedora atrás do balcão estava rindo, contando uma piada, e não o notou. Quando tornou a pigarrear, a mulher o olhou de relance, irritada, e fez sinal com a cabeça para sua freguesa, que nesse momento segurava nas mãos três embalagens finas de meias, como cartas de baralho gigantes.

– Creio que a Srta. Asher chegou aqui primeiro – disse a vendedora, fria e altiva.

Foi quando os olhos dos dois se encontraram, e ele ficou surpreso ao ver que os da jovem eram do mesmo tom verde-escuro de seu mantô. Ela o estava avaliando – o sólido sobretudo de tweed, o rosto escanhado e avermelhado pelo frio, as unhas

bem aparadas. Sorriu, divertida e meio desdenhosa, apontando para o roupão em seu braço.

– Para sua mulher? – indagou. Falava com o que ele reconheceu ser um sotaque refinado do Kentucky, numa cidade de velhas fortunas em que essas distinções tinham peso. Depois de apenas seis meses na cidade, ele já sabia disso. – Está tudo bem, Jean – prosseguiu a jovem, tornando a se virar para a vendedora. – Pode atendê-lo primeiro. Esse pobre homem deve estar se sentindo perdido e sem graça com toda essa renda aqui.

– É para minha irmã – disse ele, aflito por desfazer a má impressão que estava causando. Isso já lhe acontecera várias vezes na cidade; era afoito ou direto demais e ofendia as pessoas. O roupão caiu e ele se abaixou para pegá-lo, enrubescendo ao levantar. As luvas da moça estavam sobre o vidro do balcão e suas mãos se cruzavam de leve ao lado delas. O constrangimento do homem pareceu abrandá-la, pois, quando os olhos voltaram a se encontrar, os dela se mostraram gentis.

Ele tentou de novo:

– Desculpe. Parece que não sei o que estou fazendo. E estou com pressa. Sou médico. Estou atrasado para o hospital.

Nesse momento, o sorriso dela se modificou, tornou-se sério.

– Entendo – disse, e se voltou de novo para a vendedora. – Jean, por favor, atenda-o primeiro, sim?

Concordou em vê-lo de novo, escrevendo seu nome e telefone com a letra perfeita que aprendera na terceira série, cuja professora era uma ex-freira que havia imprimido em seus pequenos pupilos as regras da caligrafia. Toda letra tem um formato, ela lhes dizia, um único formato no mundo, e nenhum outro, e é sua responsabilidade fazer com que ele seja perfeito. Aos oito anos, pálida e magrela, a mulher de mantô verde que viria a ser sua esposa havia agarrado a caneta entre os dedinhos e praticado a letra cursiva, sozinha em seu quarto, hora após hora, até escrever com a fluência requintada da água corrente. Tempos depois, ao ouvir essa história, ele a imaginaria com a cabeça inclinada sob o abajur, com os dedos dolorosamente apertados em volta da caneta, e se admiraria com a perseverança dela, com sua crença na beleza e na voz autoritária da ex-freira. Nesse primeiro dia, porém, não sabia de nada disso. Carregou o pedaço de papel no bolso do jaleco branco, de um quarto de doente para outro, rememorando as letras dela a fluírem até desenhar a forma perfeita de seu nome. Telefonou-lhe na mesma noite, levou-a para jantar na seguinte e, três meses depois, os dois estavam casados.

Agora, nesses últimos meses de gravidez, o roupão coral macio a vestia perfeita-

mente. Ela o havia encontrado, desembrulhado e levantado para mostrá-lo ao marido. *Mas faz tanto tempo que a sua irmã morreu!*, exclamara, subitamente intrigada, e por um instante ele tinha congelado, sorrindo, enquanto a mentira de um ano antes zunia como uma ave escura pelo quarto. Ele encolheu os ombros na ocasião, sem jeito. *Eu tinha que dizer alguma coisa*, argumentara. *Tinha que descobrir um jeito de saber seu nome*. Ela sorriu então, atravessando o quarto para abraçá-lo.

A neve caiu. Nas horas seguintes, os dois leram e conversaram. Às vezes ela pegava a mão do marido e a punha sobre sua barriga para que ele sentisse o bebê se mexer. De tempos em tempos, ele se levantava para atizar o fogo e dar uma olhada pela janela para ver oito centímetros de neve no chão, depois doze ou quinze. As ruas estavam macias e silenciosas, e havia poucos carros.

Às 11 horas, ela se levantou do sofá e foi para a cama. Ele continuou no térreo, lendo o último número do *Jornal de Cirurgia Óssea e Articular*. Era reconhecido como um ótimo médico, com talento para o diagnóstico e fama de ser habilidoso no trabalho. Formara-se em primeiro lugar em sua turma. No entanto, era tão moço e – embora o escondesse com muito cuidado – tão inseguro de suas aptidões que estudava em todas as horas vagas, colecionando cada sucesso que obtinha como mais uma prova a seu favor. Sentia-se uma aberração, por ter nascido com sede de saber numa família absorta na simples luta pela sobrevivência, dia após dia. Eles viam a instrução como um luxo desnecessário, um meio que não levava a um fim seguro. Pobres, sempre que iam ao médico, quando chegavam a fazê-lo, era na clínica de Morgantown, a 80 quilômetros de distância. Eram vívidas as lembranças que ele guardava dessas raras viagens, chacoalhando na traseira da caminhonete emprestada, com a poeira voando em sua esteira. A estrada dançante, dizia sua irmã, que ocupava a cabine com os pais. Em Morgantown, os cômodos eram sombrios, do tom verde ou turquesa-escuro da água dos lagos, e os médicos eram apressados, ríspidos com eles, distraídos.

Passados todos esses anos, ele ainda vivia momentos em que sentia o olhar daqueles médicos e se achava um impostor, prestes a ser desmascarado por um único erro. Sabia que sua escolha da especialidade fora um reflexo disso. Para ele, nada da agitação caótica da clínica geral nem da tubulação arriscada e delicada do coração. Ele lidava sobretudo com membros quebrados, esculpindo moldes de gesso e examinando radiografias, enquanto observava as fraturas se consolidarem, lenta mas milagrosamente. Agradava-lhe o fato de os ossos serem coisas sólidas, que sobreviviam até mesmo à incandescência da cremação. Os ossos duravam; era-lhe fácil depositar confiança em algo tão sólido e previsível.

Leu até bem depois da meia-noite, até as palavras tremeluzirem sem nenhum sentido nas páginas luminosamente brancas, depois jogou a revista na mesa de centro e se levantou para cuidar do fogo. Bateu nas toras queimadas e envoltas em chamas até que virassem borralho, abriu inteiramente o regulador da chaminé e fechou a tela de metal da lareira. Depois que apagou as luzes, as pequenas brasas luziram suaves por entre camadas de cinzas, delicadas e brancas como a neve, que agora se empilhava, alta, sobre o gradil da varanda e as moitas de rododendros.

A escada rangeu sob seu peso. Ele parou junto à porta do quarto do bebê, estudando as formas sombreadas do berço e do trocador de fraldas, os bichos de pelúcia dispostos em prateleiras. As paredes estavam pintadas de um verde-água pálido. Sua mulher tinha feito a colcha de retalhos da Mamãe Ganso que pendia da parede em frente, costurando-a com pontos minúsculos, desfazendo pedaços inteiros quando notava a mais ligeira imperfeição. Uma borda de ursinhos fora desenhada logo abaixo do teto; também isso fora feito por ela.

Num impulso, ele entrou no quarto e parou diante da janela, afastando a cortina transparente para olhar a neve, que agora atingia quase 20 centímetros sobre os postes de iluminação, as cercas e os telhados. Era o tipo de nevasca que raramente acontecia em Lexington, e os flocos brancos e contínuos, aliados ao silêncio, encheram-no de uma sensação de paz. Foi um momento em que todos os retalhos díspares de sua vida pareceram costurar-se, com todas as tristezas e decepções passadas, todos os segredos e incertezas angustiantes escondendo-se sob as camadas brancas e macias. O dia seguinte seria quieto, com o mundo abrandado e frágil, até que a meninada da vizinhança saísse para romper a calma com sua correria, seus gritos e sua alegria. Ele se lembrou de dias assim em sua própria infância na montanha, raros momentos de fuga em que ele entrava nos bosques, com a respiração amplificada e a voz de algum modo abafada pela neve densa que vergava os galhos até o chão e se espalhava pelas trilhas. O mundo, por algumas breves horas, transformava-se.

Ficou muito tempo parado ali, até ouvi-la mexer-se, quase sem barulho. Encontrou-a sentada na beira da cama, com a cabeça inclinada e as mãos agarradas ao colchão.

– Acho que estou em trabalho de parto – ela disse, erguendo os olhos.

Estava com o cabelo solto, uma mecha presa no lábio. Ele ajeitou-a de volta para trás da orelha de sua mulher. Ela balançou a cabeça quando o marido sentou-se a seu lado.

– Não sei. Estou me sentindo estranha. Uma sensação de cãibra que vem e vai.

Ele a ajudou a deitar-se de lado e se deitou também, massageando-lhe as costas.

– Provavelmente é só um alarme falso – garantiu-lhe. – Ainda faltam três semanas, afinal, e o primeiro filho costuma se atrasar.

Era verdade, ele sabia; acreditou nisso ao dizê-lo e, a rigor, teve tanta certeza que, passado algum tempo, adormeceu. Acordou com a mulher em pé junto à cama, sacudindo-lhe o ombro. O roupão e o cabelo dela pareciam quase brancos na estranha luz da neve que se infiltrava no quarto.

– Estou contando o tempo. Intervalos de cinco minutos. São dores fortes, e estou com medo.

Nesse momento, uma onda o percorreu por dentro; o nervosismo e o medo tomaram seu corpo como a espuma empurrada pela onda. Mas ele fora treinado a manter a calma nas emergências, a controlar as emoções, de modo que pôde levantar-se sem nenhuma urgência, pegar o relógio e caminhar com ela, devagar e serenamente, de um lado para outro do corredor. Quando vinham as contrações, ela lhe apertava a mão com tamanha força que ele tinha a sensação de que os ossos de seus dedos se fundiriam. As contrações vinham como a mulher tinha dito, a cada cinco minutos, depois quatro. Ele tirou a mala do armário, subitamente entorpecido pelo caráter decisivo daqueles acontecimentos, tão esperados mas ao mesmo tempo tão surpreendentes. Continuou a se movimentar, tal como sua mulher, mas o mundo entrou numa lenta calmaria a seu redor. Ele tinha aguda consciência de cada gesto, do modo como a respiração se precipitava por sua língua, do modo como sua esposa calçou incomodamente os únicos sapatos que ainda lhe serviam, com os pés inchados formando uma crista sobre o couro cinza-escuro. Ao segurar o braço dela, teve a estranha sensação de estar suspenso no quarto, em algum ponto próximo do lustre, observando os dois de cima, notando cada nuance e cada detalhe: a maneira como ela tremia a cada contração e como seus próprios dedos se fechavam, firmes e protetores, em torno do cotovelo da mulher. E como, lá fora, a neve continuava a cair.

Ajudou-a a vestir o mantô de lã verde, que pendeu desabotoado, escancarado na altura da barriga. Achou as luvas de couro que ela também havia usado no dia em que os dois tinham se visto pela primeira vez. Parecia-lhe importante cuidar desses detalhes. Os dois pararam na varanda um instante, perplexos com aquele mundo branco e macio.

– Espere aqui – disse ele, e desceu os degraus, abrindo caminho por entre os montes de neve. As portas do velho carro estavam congeladas e foram precisos vários minutos para abrir uma delas. Uma nuvem branca voou, cintilante, quando enfim a porta se abriu, e ele bateu o pé no piso do banco traseiro à procura do raspador e da escova de neve. Quando emergiu do carro, sua mulher estava apoiada numa pilastra da

varanda, com a testa sobre os braços. Nesse momento, ele compreendeu a dor imensa que ela sentia e também que o bebê ia mesmo chegar, chegar exatamente naquela noite. Resistiu à ânsia intensa de correr para ela e, em vez disso, empenhou todas as suas forças em liberar o carro, aquecendo alternadamente uma das mãos e a outra sob as axilas, quando a dor da friagem se acentuava, aquecendo-as, mas sem parar um instante, escovando a neve do pára-brisa, das janelas e do capô e vendo-a se espalhar e desaparecer no fofo mar branco que lhe cercava as panturrilhas.

– Você não me contou que ia doer tanto assim – disse ela, quando o marido chegou à varanda. Ele lhe passou o braço em volta dos ombros e a ajudou a descer a escada.

– Eu posso andar – insistiu ela. – É só quando vem a dor.

– Eu sei – retrucou ele, mas não a soltou.

Quando chegaram ao carro, ela o tocou no braço e apontou para a casa, encober-ta pela neve e luzindo como uma lanterna na escuridão da rua.

– Quando voltarmos, traremos nosso bebê conosco – disse. – Nosso mundo nunca mais será o mesmo.

Os limpadores de pára-brisa estavam congelados e a neve deslizou pelo vidro traseiro quando ele arrancou em direção à rua. Foi dirigindo devagar, pensando em como Lexington estava bonita, com as árvores e sebes carregadas de neve. Quando entrou na rua principal, as rodas deslizaram no gelo e o carro derrapou no cruzamento, fluido, por um breve instante, e parou junto a um banco de neve.

– Está tudo bem – anunciou ele, com a cabeça a mil. Por sorte, não havia nenhum outro carro à vista. O volante estava duro e frio feito pedra entre suas mãos nuas. De vez em quando, ele limpava o pára-brisa com as costas da mão e se inclinava para olhar pelo buraco que tinha feito. – Liguei para o Bentley antes de sairmos – informou, referindo-se a seu colega obstetra. – Disse para ele nos encontrar no consultório. É para lá que nós vamos. É mais perto.

Ela ficou calada por um momento, com a mão agarrada ao painel de instrumentos, enquanto respirava para enfrentar outra contração. – Desde que eu não tenha meu bebê neste carro velho – conseguiu dizer, tentando brincar. – Você sabe que eu sempre o detestei.

Ele sorriu, mas sabia que o medo da mulher era real, e o compartilhava.

Metódico, objetivo: nem mesmo numa emergência ele modificava sua natureza. Parou em todos os sinais luminosos, usou as setas para sinalizar nas ruas desertas. A intervalos de minutos, ela tornava a firmar uma das mãos no painel e se concentrava na respiração, o que o fazia engolir em seco e olhá-la de soslaio, mais nervoso

nessa noite do que se lembrava de jamais ter estado. Mais nervoso do que em sua primeira aula de anatomia, com o corpo de um rapazinho escancarado para revelar seus segredos. Mais nervoso do que no dia do casamento, com a família dela enchendo um dos lados da igreja e, no outro, apenas um punhado de colegas seus. Os pais dele haviam morrido, sua irmã também.

Havia um único carro no estacionamento da clínica – o Fairlane azul-claro da enfermeira, conservador, pragmático e mais novo que o dele. O médico também a havia chamado. Parou em frente à entrada e ajudou sua mulher a descer do carro. Agora que tinham chegado ao consultório em segurança, estavam ambos animados, rindo ao avançarem para as luzes brilhantes da sala de espera.

A enfermeira veio a seu encontro. No instante em que a viu, ele percebeu que havia algo errado. A mulher tinha grandes olhos azuis, num rosto pálido que poderia ter 40 ou 25 anos, e, sempre que alguma coisa não lhe agradava, uma linha vertical fina formava-se em sua testa, bem entre os olhos. A linha estava lá e ela lhes deu a notícia: o carro de Bentley saíra de traseira na estrada rural em que ele morava, cuja neve não fora retirada, rodara duas vezes no gelo sob a neve e tinha caído numa vala.

– Você está dizendo que o Dr. Bentley não vem? – perguntou a esposa.

A enfermeira fez que sim. Era alta, tão magra e angulosa que os ossos pareciam prestes a lhe perfurar a pele a qualquer momento. Os grandes olhos azuis eram solenes e inteligentes. Durante meses houvera boatos e piadas, dizendo que ela estaria meio apaixonada pelo médico. Ele os havia descartado como mexericos de trabalho, aborrecidos mas naturais quando um homem e uma mulher solteira trabalham numa proximidade tão estreita, dia após dia. E então, uma noite, ele havia adormecido em sua escrivaninha. Sonhara com os tempos de sua casa da infância, com a mãe arrumando potes de frutas que brilhavam como jóias na mesa coberta de oleado, embaixo da janela. Sua irmã de cinco anos estava sentada, segurando uma boneca com a mãozinha fraca. Fora uma imagem passageira, talvez uma lembrança, mas que o enchera simultaneamente de tristeza e saudade. Agora a casa era dele, mas estava vazia, deserta desde a morte de sua irmã e a mudança de seus pais, abandonados os cômodos que a mãe havia esfregado até deixá-los com um brilho opaco, ocupados apenas pelo farfalhar dos esquilos e dos camundongos.

Havia lágrimas em seus olhos quando ele os abriu, levantando a cabeça da escrivaninha. A enfermeira estava parada no vão da porta, com o rosto enternecido de emoção. Estava bonita naquele momento, com um meio sorriso, e não tinha nada da mulher eficiente que trabalhava todos os dias a seu lado, silenciosa e competente.

Seus olhos se encontraram e, para ele, foi como se a conhecesse – como se eles conhecessem um ao outro – de uma forma profunda e segura. Por um instante, absolutamente nada se interpôs entre os dois; foi uma intimidade de tal magnitude que ele ficou imóvel, siderado. Depois, ela enrubesceu intensamente e desviou o olhar. Pigarreou e se empertigou, dizendo ter feito duas horas extras e estar de saída. Por muitos dias, seus olhos não cruzaram com os dele.

Depois disso, quando as pessoas implicavam com ele por causa da enfermeira, ele as fazia parar. *Ela é uma excelente enfermeira*, dizia, erguendo uma das mãos para barrar as piadas, em homenagem ao momento de comunhão que os dois haviam compartilhado. *Ela é a melhor com quem já trabalhei*. Era verdade, e, nesse momento, ele ficou muito contente por tê-la a seu lado.

– Que tal o pronto-socorro? – perguntou a enfermeira. – Vocês conseguem chegar lá? Ele abanou a cabeça. As contrações tinham intervalos de apenas um minuto, mais ou menos.

– Esse bebê não vai esperar – disse, olhando para sua mulher. A neve derreteria no cabelo dela e reluzia como uma tiara de brilhantes. – Esse bebê está chegando.

– Tudo bem – disse sua mulher, estóica. Tinha a voz mais dura nesse momento, decidida. – Será uma história melhor para contar quando ele crescer, ele ou ela.

A enfermeira sorriu, com a linha entre os olhos ainda visível, porém mais tênue.

– Então, vamos levar você para dentro – disse. – Vamos ajudá-la um pouco com a dor.

Ele foi buscar um jaleco em seu consultório e, quando entrou na sala de exames de Bentley, sua mulher estava deitada na cama, com os pés nos suportes. O cômodo era azul-claro, repleto de cromados, esmaltados brancos e instrumentos delicados de aço reluzente. Ele foi até a pia e lavou as mãos. Sentia-se extremamente alerta, cômico dos mais ínfimos detalhes, e, ao executar esse ritual corriqueiro, notou que o pânico diante da ausência de Bentley começava a diminuir. Fechou os olhos, obrigando-se a se concentrar em sua tarefa.

– Está tudo evoluindo – disse a enfermeira, quando ele se virou. – Parece tudo bem. Eu diria que ela está com 10 centímetros; veja o que acha.

Ele se sentou na banqueta e introduziu a mão na caverna morna e macia do corpo de sua mulher. O saco amniótico ainda estava intacto e, através dele, foi possível sentir a cabeça do bebê, lisa e dura como uma bola de beisebol. Seu filho. Ele deveria estar andando de um lado para outro numa sala de espera qualquer. Do outro lado da sala, a persiana estava fechada sobre a única janela e, ao retirar a mão do calor do corpo de sua mulher, ele pensou na neve, se ela continuava a cair, silenciando a cidade e o campo mais além.

– Sim – concordou. – Dez centímetros.

– Phoebe – disse sua mulher. Ele não lhe via o rosto, mas a voz era clara. Fazia meses que os dois discutiam nomes, e não haviam chegado a nenhuma conclusão.

– Se for menina, Phoebe. E, se for menino, Paul, em homenagem ao meu tio-avô. Eu lhe contei isso? – perguntou. – Pretendia lhe contar que eu tinha decidido.

– São nomes bonitos – disse a enfermeira, tranquilizadora.

– Phoebe e Paul – repetiu ele, mas estava concentrado na nova contração que se avolumava no corpo da mulher. Fez um gesto para a enfermeira, que aprontou o gás anestésico. Durante seus anos de residência, a norma era anestesiar completamente a mulher em trabalho de parto, até terminar a expulsão, mas os tempos haviam mudado – era 1964 – e Bentley, ele sabia, usava o gás de modo mais seletivo. Era melhor que ela ficasse acordada para fazer força; ele a anesthesiaria nas contrações piores, na etapa da coroação e na expulsão. Sua mulher ficou tensa e gritou, e o bebê se deslocou no canal vaginal, rompendo o saco amniótico.

– Agora – disse o médico, e a enfermeira posicionou a máscara. As mãos da parturiente relaxaram e os punhos se abriram, à medida que o gás anestésico fez efeito, e ela permaneceu imóvel, tranqüila e inconsciente, enquanto seu corpo era perpassado por mais uma contração, depois outra.

– Está vindo rápido, para um primeiro filho – comentou a enfermeira.

– É – assentiu o médico. – Até aqui, tudo bem.

Assim se passou meia hora. Sua mulher despertava, gemia e fazia força e, quando ele achava que tinha sido o bastante – ou quando ela gritava que a dor era insuportável —, fazia sinal para a enfermeira, que aplicava o gás. Exceto por essa troca silenciosa de instruções, os dois não falavam. Lá fora, a neve continuava a cair, descendo pelos lados das casas, enchendo as ruas. O médico sentou-se numa cadeira de aço inoxidável, reduzindo o foco de sua concentração aos fatos essenciais. Fizera cinco partos durante o curso de medicina, todos bem-sucedidos e com bebês saudáveis, e nesse momento se concentrou neles, buscando na memória os detalhes do atendimento. Ao fazê-lo, sua mulher, deitada com os pés nos estribos e a barriga tão alta que ele não conseguia ver seu rosto, fundiu-se aos poucos com aquelas outras mulheres. Seus joelhos redondos, as panturrilhas lisas e estreitas, os tornozelos, tudo tão conhecido e amado, diante dele. Mas ele não pensou em lhe afagar a pele nem em pôr a mão reconfortante sobre seu joelho. Foi a enfermeira quem segurou a mão dela enquanto a mulher fazia força. Para o médico, concentrado no que tinha imediatamente pela frente, ela se tornou não apenas ela mesma, porém mais do que ela: um corpo como os outros, uma paciente cujas necessidades ele precisava atender

com todas as suas habilidades técnicas. Era necessário, mais necessário que de hábito, manter as emoções sob controle. Com o correr do tempo, o estranho momento que ele vivenciara no quarto dos dois voltou-lhe à lembrança. Ele começou a se sentir como se, de algum modo, estivesse distante daquela cena de parto, ao mesmo tempo presente, mas também flutuando noutra lugar, observando de uma distância segura. Observou-se fazendo a incisão cuidadosa e precisa da episiotomia. Bem-feita, pensou consigo mesmo, enquanto o sangue brotava num filete perfeito, e não se permitiu rememorar as vezes em que tocara aquela mesma carne com paixão.

A cabeça começou a despontar. Com mais três impulsos, emergiu e, em seguida, o corpo escorregou para suas mãos expectantes e o bebê chorou, com a pele azul tornando-se rosada.

Era um menino, de rosto vermelho e cabelos escuros, olhos alertas, desconfiado das luzes e do impacto frio e vivo do ar. O médico amarrou e cortou o cordão umbilical. *Meu filho*, permitiu-se pensar. *Meu filho*.

– É lindo – disse a enfermeira. Ela aguardou enquanto o médico examinava o menino, observando as batidas regulares do coração, rápidas e seguras, as mãos de dedos longos e a cabeleira escura. Depois, ela levou o bebê até o cômodo ao lado para banhá-lo e pingar nitrato de prata em seus olhos. Os gritinhos chegaram até eles e a esposa se mexeu. O médico ficou onde estava, com a mão sobre o joelho dela, respirando fundo várias vezes, à espera da expulsão da placenta. *Meu filho*, tornou a pensar.

– Onde está o bebê? – perguntou sua mulher, abrindo os olhos e afastando o cabelo do rosto enrubescido. – Está tudo bem?

– É menino – disse o médico, sorrindo para ela. – Temos um filho. Você vai vê-lo assim que ele estiver limpo. É absolutamente perfeito.

O rosto de sua esposa, suavizado pelo alívio e pelo cansaço, de repente tensionou-se com outra contração, e o médico, esperando a placenta, voltou para a banqueta entre as pernas dela e fez uma leve pressão em seu abdômen. Ela deu um grito e, no mesmo instante, ele compreendeu o que estava acontecendo, tão perplexo quanto se de repente aparecesse uma janela numa parede de concreto.

– Está tudo bem – disse-lhe. – Tudo ótimo. Enfermeira! – chamou, enquanto se acentuava a contração seguinte.

A enfermeira veio de imediato, carregando o bebê, agora envolto em mantas brancas.

– Nota nove no Apgar – anunciou. – Isso é ótimo.

A parturiente estendeu os braços para o bebê e começou a falar, mas foi apanhada pela dor e tornou a reclinar o corpo.

– Enfermeira – disse o médico. – Preciso de você aqui. Já.

Após um momento de confusão, a enfermeira pôs dois travesseiros no chão, acomodou o bebê sobre eles e se aproximou do médico junto à mesa.

– Mais gás – disse ele. Percebeu a surpresa da moça e seu aceno rápido de compreensão, já obedecendo. O médico estava com a mão pousada no joelho de sua mulher e sentiu a tensão nos músculos dela relaxar-se sob o efeito do gás.

– Gêmeos? – indagou a enfermeira.

O médico, que se deixara relaxar após o nascimento do menino, sentia-se abalado nesse momento e não confiou em fazer nada além de um aceno com a cabeça. *Firme*, disse a si mesmo, quando a cabeça seguinte despontou. *Você está num lugar qualquer*, pensou, observando de um ponto tênue no teto, enquanto suas mãos trabalhavam com método e precisão. *Isto é um parto qualquer*.

O segundo bebê era menor e saiu com facilidade, deslizando tão depressa para suas mãos enluvadas que ele inclinou o tronco para a frente, usando o peito para se certificar de que a criança não caísse.

– É uma menina – disse, e aninhou-a como uma bola, de bruços, dando-lhe tapinhas nas costas até ela chorar. Em seguida, virou-a para ver seu rosto.

O âmnio branco e cremoso envolvia sua pele delicada e ela estava escorregadia, por causa do líquido amniótico e dos vestígios de sangue. Os olhos azuis eram nublados e o cabelo negro feito piche, porém ele mal notou esses detalhes. O que viu foram os traços inconfundíveis, os olhos repuxados como que numa risada, a prega epicântica entre as pálpebras, o nariz achatado. *Um caso clássico*, lembrou-se de um professor dizendo, anos antes, ao examinarem uma criança similar. *Mongolóide. Sabe o que significa isso?* E ele, compenetrado, recitara os sintomas que havia decorado de um livro: *tônus muscular flácido, retardo no crescimento e no desenvolvimento mental, possíveis complicações cardíacas, morte prematura*. O professor assentira com a cabeça, pondo o estetoscópio no peito liso e nu do bebê. *Pobre criança. Não há nada que eles possam fazer, exceto procurar mantê-la limpa. Deviam poupar-se e mandá-la para uma instituição*.

O médico sentiu-se transportar para o passado. Sua irmã tinha nascido com uma malformação cardíaca e crescera muito devagar, com a respiração entrecortada em pequenos arquejos toda vez que tentava correr. Durante muitos anos, até a primeira viagem à clínica de Morgantown, eles não tinham sabido qual era o problema. Então souberam, e não houve nada que pudessem fazer. Todas as atenções da mãe tinham ido para a menina, mas, mesmo assim, ela havia morrido aos 12 anos. Na época, o médico tinha 16 e morava na cidade para freqüentar o científico, já a caminho de Pittsburgh, da faculdade de medicina e da vida que levava agora. No entanto, lem-

brava-se da intensidade e da persistência da tristeza de sua mãe, de seu jeito de subir a colina todas as manhãs para ir até o túmulo, com os braços cruzados no peito, em qualquer temperatura que fizesse.

A enfermeira parou a seu lado e examinou o bebê.

– Sinto muito, doutor – disse.

Ele segurou a criança, esquecendo-se do que devia fazer a seguir. As mãos minúsculas eram perfeitas. Mas ali estava o espaço entre o dedão do pé e os outros, como um dente faltando, e, ao olhar fundo nos olhos da menina, ele viu as manchas de Brushfield, minúsculas e nítidas como salpicos de neve na íris. Imaginou o coração dela, do tamanho de uma ameixa e, muito possivelmente, malformado, e pensou no quarto do bebê, tão cuidadosamente pintado, com seus bichos macios e um único berço. Pensou na esposa parada na calçada, diante da casa coberta pelo véu luminoso de neve, dizendo: *Nosso mundo nunca mais será o mesmo*.

A mão do bebê roçou na sua e ele se assustou. Sem vontade, começou a executar os procedimentos conhecidos. Cortou o cordão e verificou o coração e os pulmões. Pensava o tempo todo na neve, no carro prateado deslizando para uma vala, na profunda quietude da clínica deserta. Mais tarde, ao pensar nessa noite – e pensaria nela muitas vezes, nos meses e anos seguintes: o momento decisivo de sua vida, em torno de cujos instantes sempre giraria todo o resto —, o que lembrou foi o silêncio da sala e a neve caindo lá fora, ininterrupta. O silêncio era tão profundo e envolvente que ele se sentiu flutuar para uma nova altura, um ponto acima e além daquele cômodo, onde ele se fundia com a neve e a cena da sala era algo que se desdobrava numa vida diferente, uma vida de que ele era um espectador fortuito, como uma cena vislumbrada por uma janela muito iluminada quando se anda por uma rua escura. Era isso que ele recordaria, essa sensação de espaço infinito. O médico na vala e as luzes de sua própria casa brilhando ao longe.

– Muito bem. Limpe-a, por favor – disse, depositando o frágil bebê nos braços da enfermeira. – Mas deixe-a na outra sala. Não quero que minha mulher saiba. Não de imediato.

A enfermeira fez que sim. Desapareceu e retornou para colocar o menino no moisés que havia trazido. A essa altura, o médico estava dedicado à expulsão das placentas, que saíram lindamente, escuras e densas, cada qual do tamanho de um prato. Gêmeos fraternos, masculino e feminino, um visivelmente perfeito, a outra marcada por um cromossomo extra em cada célula do corpo. Que probabilidade havia de acontecer uma coisa dessas? Seu filho estava no moisés, mexendo as mãos de quando em quando, fluidas e aleatórias, como os rápidos movimentos aquáticos

do útero. O médico injetou um sedativo em sua mulher e se abaixou para suturar a episiotomia. Estava quase amanhecendo, com uma luz tênue a se infiltrar pelas janelas. Ele observou os movimentos das próprias mãos, pensando em como os pontos estavam sendo bem-feitos, minúsculos como os dela, igualmente caprichados e uniformes. Ela havia arrancado um painel inteiro da colcha de retalhos por causa de um erro, invisível para o marido.

Ao terminar, o médico encontrou a enfermeira sentada numa cadeira de balanço na sala de espera com a menininha no colo. Ela o fitou sem dizer palavra e ele se lembrou da noite em que a moça o observara durante seu sono.

– Existe um lugar – disse ele, escrevendo o nome e o endereço no verso de um envelope. – Eu gostaria que você a levasse para lá. Quando houver clareado, quero dizer. Vou emitir a certidão de nascimento e telefone para avisar que você está a caminho.

– Mas, e a sua mulher... – disse a enfermeira, e ele ouviu, do local distante em que se achava, a surpresa e a reprovação na voz dela.

Pensou na irmã, pálida e magra, tentando recobrar o fôlego, e na mãe voltada para a janela para esconder as lágrimas.

– Você não percebe? – perguntou, com voz suave. – O mais provável é que essa pobre criança tenha uma grave malformação cardíaca. Um problema fatal. Estou tentando poupar-nos a todos de uma aflição terrível.

Falou com convicção. Acreditava em suas próprias palavras. A enfermeira continuou sentada, olhando-o fixamente, com uma expressão de surpresa, mas, afora isso, indecifrável, enquanto ele aguardava sua resposta afirmativa. No estado de ânimo em que se encontrava, não lhe ocorreu que ela pudesse responder de outro modo. Ele não imaginou, como faria mais tarde nessa noite, e em muitas noites subsequentes, a que ponto estava pondo tudo em risco. Em vez disso, impacientou-se com a lentidão da enfermeira e sentiu um grande e súbito cansaço, e a clínica, tão familiar, pareceu-lhe estranha a seu redor, como se ele andasse num sonho. A moça o estudou, com seus olhos azuis indecifráveis. Ele retribuiu o olhar, resoluto, e por fim ela acenou com a cabeça, num movimento tão leve que foi quase imperceptível.

– A neve – murmurou ela, baixando os olhos.

• • •

Mas a tempestade começou a se abrandar ali pelo meio da manhã, e os sons distantes das pás arranharam o ar quieto. Da janela do segundo andar, ele viu a enfer-

meira bater a neve de seu carro azul-claro e partir para o mundo branco e macio. O bebê estava escondido, adormecido numa caixa forrada de cobertores, no banco ao lado dela. O médico a viu virar à esquerda na rua e desaparecer. Em seguida, foi sentar-se com sua família.

Sua mulher dormia, com o cabelo dourado derramando-se sobre o travesseiro. De tempos em tempos, o médico cochilava. Acordando, olhou para o estacionamento vazio e observou a fumaça que subia das chaminés do outro lado da rua, enquanto preparava as palavras que diria. Que não era culpa de ninguém, que a filha deles estaria em boas mãos, com pessoas iguais a ela e com atendimento ininterrupto. Que seria melhor assim para todos.

No fim da manhã, quando parou inteiramente de nevar, seu filho chorou de fome e sua mulher acordou.

– Cadê o neném? – perguntou ela, apoiando-se nos cotovelos e afastando o cabelo do rosto. Ele segurava o filho, quente e leve, e se sentou ao lado da esposa, acomodando o bebê em seus braços.

– Oi, meu amor – disse-lhe. – Olhe o nosso lindo filho. Você foi muito valente.

Ela beijou o neném na testa, abriu o roupão e lhe ofereceu o seio. O menino o pegou no mesmo instante, e a mulher ergueu os olhos e sorriu. O médico segurou sua mão livre, lembrando-se da força com que ela o havia apertado, imprimindo os ossos dos dedos em sua carne. Lembrou-se do quanto havia desejado protegê-la.

– Está tudo bem? – perguntou ela. – Querido? O que foi?

– Nós tivemos gêmeos – ele lhe disse devagar, pensando nas cabeleiras pretas, nos corpos escorregadios movendo-se em suas mãos. As lágrimas lhe encheram os olhos. – Um casal.

– Oh! – fez a mulher. – Uma menininha também? Phoebe e Paul. Mas onde está ela? Seus dedos eram tão finos, pensou o marido, pareciam ossos de passarinho.

– Minha querida – começou. A voz falhou e as palavras que ele ensaiara com tanto cuidado desapareceram. Ele fechou os olhos e, quando conseguiu falar novamente, vieram outras palavras, não planejadas.

– Ah, meu amor – disse-lhe. – Eu sinto muito, muito. A nossa filhinha morreu no parto.